

SARAIVA, Gumerindo

*rev. 1893.

Gumerindo da Rosa Saraiva nasceu em Arroio Grande (RS) no dia 13 de janeiro de 1853, filho de Francisco Saraiva e de Propícia da Rosa. Seu pai, também conhecido como don Chico, era proprietário de terras no Uruguai e no Rio Grande do Sul e lutou na Revolução Farroupilha (1835-1845) como voluntário. Seu irmão Aparício Saraiva foi líder do Partido Blanco no Uruguai e também atuou com grande destaque na Revolução Federalista (1893-1895).

Estudou em Montevideú, e ainda no Uruguai participou da Revolução das Lanças, contra o governo do presidente Lorenzo Batlle, entre os anos de 1870 e 1872. Com seu irmão Aparício Saraiva também participou no Uruguai na Revolução Tricolor. De volta ao Brasil, em 1880 comprou a estância Curral dos Arroios no município de Santa Vitória do Palmar (RS), onde passou a viver. Ainda durante o Império foi ligado ao Partido Liberal. Em 1888, quando assumiu o posto de tenente-coronel da Guarda Nacional, foi nomeado delegado de polícia em Santa Vitória do Palmar. Por sua ligação com os liberais, recusou-se a entrar no Partido Republicano Rio-Grandense (PRR), liderado por Júlio de Castilhos, onde os filiados ao Partido Conservador de seu município se haviam abrigado.

Após a proclamação da República (15/11/1889), suas divergências com os membros do PRR aumentaram. Sua recusa a ingressar no partido não foi bem recebida pelos líderes republicanos, que passaram a persegui-lo, provocando sua prisão no final de 1889, sob a acusação de assassinato na cidade de Santa Vitória (RS). Meses depois, fugiu da prisão e refugiou-se na estância do irmão Aparício no Uruguai. Só retornou ao Rio Grande do Sul em novembro de 1891, depois de Júlio de Castilho ter renunciado ao governo gaúcho, com a chegada à presidência da República do marechal Floriano Peixoto (1891-1894). Castilhos, ao ser retirado do poder estadual, foi substituído por junta governativa, mas logo começou a articular seu retorno ao governo. Com a reorganização do PRR visando ao retorno ao poder gaúcho, Gumerindo Saraiva mudou-se novamente para o

Uruguai e ligou-se a Gaspar Silveira Martins – antigo líder do Partido Liberal no Império, ex-deputado geral, senador, ministro da Fazenda e presidente da província –, iniciando a preparação para uma revolução. Silveira Martins, exilado na Europa desde a queda da monarquia, e agora defensor de uma República parlamentarista, regressou a Porto Alegre no início de 1892 e, em 31 de março desse ano, no encontro que ficou conhecido como Convenção de Bajé, foi aclamado chefe do Partido Federalista ou Partido Republicano Federal, então criado para fazer frente ao PRR de Júlio de Castilhos.

A instabilidade no Rio Grande do Sul prosseguiu durante todo o ano de 1892. Em 8 de junho Barros Cassal foi substituído no governo por José Antônio Correia da Câmara, o visconde de Pelotas, que por sua vez foi derrubado nove dias depois por um movimento articulado por Júlio de Castilhos, o qual entregou o poder a Carneiro Monteiro. Em 27 de setembro este foi substituído por Fernando Abbott, que deixou a Câmara dos Deputados para exercer interinamente o governo gaúcho e conduzir as eleições que mais uma vez levariam Júlio de Castilhos ao poder. Em 25 de janeiro de 1893 Abbott transmitiu o governo a Castilhos. Contra a situação, ergueram-se não só os federalistas de Silveira Martins, mas também monarquistas descontentes e mesmo republicanos. Os federalistas exigiam a saída de Castilhos por considerar que sua eleição fora manipulada. Pediam um plebiscito em que o povo pudesse escolher a forma de governo.

Uma semana depois da posse, em 2 de fevereiro, Gumercindo Saraiva entrou no Rio Grande do Sul vindo do Uruguai, à frente de um grupo de cavaleiros, e juntou-se aos homens do general João Nunes da Silva Tavares, conhecido como Joca Tavares, o barão de Itaqui. Era o início da Revolução Federalista, guerra civil entre os partidários de Silveira Martins, os chamados “maragatos”, e os republicanos partidários de Júlio de Castilhos, também chamados de “pica-paus”, que conflagrou o Rio Grande do Sul e se estendeu para os estados de Santa Catarina e Paraná, só cessando em agosto de 1895.

Durante o conflito, Gumercindo Saraiva aliou-se aos combatentes da Revolta da Armada, levante de oposição ao presidente Floriano Peixoto que se estendeu de setembro de 1893 a março de 1894, sob a chefia do almirante Custódio de Melo e mais tarde do

almirante Luís Filipe Saldanha da Gama, envolvendo a Esquadra fundeada na baía de Guanabara. Os revoltosos rumaram para Santa Catarina, e Gumerindo seguiu para Santa Catarina e Paraná, chegando a Curitiba. Com a derrota do marechal Saldanha da Gama, retornou ao Rio Grande do Sul e foi morto no combate de Carovi, no município de Passo Fundo (RS), em 10 de agosto de 1894. Dois dias depois seu cadáver foi desenterrado pelos republicanos e colocado em exibição pública, e sua cabeça foi levada a Júlio de Castilhos. Foi casado com Amélia Rodrigues Correia, parenta de José Francisco Diana, político liberal e ministro das Relações Exteriores (1889) durante o Império.

A seu respeito, Castilho Goicochea escreveu *Gumerindo Saraiva na guerra dos maragatos* (1943) e Manuel Fonseca publicou *Gumerindo Saraiva: el general de la libertad* (1957).

Raimundo Helio Lopes

Fontes: CHASTEEN, J. *Aparício* (p. 8-21); FRANCO, S. *Guerra*; LOPEZ, R. *Coração*; LOVE, J. *Regionalismo*; MEMORIAL RS. Disponível em: <<http://www.memorial.rs.gov.br/cadernos/maragatos.pdf>>. Acesso em: 14/6/2011; RUAS, T.; BONES, E. *Cabeça*.